



O “ARQUITETO” E O MUSEU:

informes de
pesquisa sobre
o período Lina
Bo Bardi no
MAM-BA
(1959-1964)

*Juliana Monteiro**

O presente artigo é um relato de uma pesquisa de Iniciação Científica financiada pelo PIBIC/CNPq, iniciada oficialmente em agosto do corrente ano. Entretanto, sua origem remonta ao segundo semestre do ano de 2004, quando, na ocasião da realização de um trabalho disciplinar, a autora teve a oportunidade de entrar em contato com alguns dados relativos aos primeiros (e interessantes) anos do Museu de Arte Moderna da Bahia. Torna-se necessário dizer também que a leitura do livro “Museus acolhem moderno”, de Maria Cecília França Lourenço,¹ foi um importante referencial para que as idéias fossem transformadas em um projeto de pesquisa.

Desse modo, o enfoque do referido projeto é direcionado para o processo de criação e desenvolvimento do Museu de Arte Moderna da Bahia na cidade do Salvador, especificamente o período de atuação da arquiteta Lina Bo Bardi à frente da direção da instituição, compreendido entre 1959 e 1964. De modo geral, objetivou-se nesta primeira etapa analisar a trajetória de vida de Lina Bo em relação aos museus, bem como identificar outros fatores e sujeitos participantes desse período da história da museologia brasileira – em particular, a baiana.

Lina Bo Bardi e os museus

Lina Bo Bardi nasceu Achilina Bo, na cidade de Roma, em 5 de dezembro de 1914. Formou-se na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Roma, indo morar em Milão em seguida, a fim de trabalhar no escritório do arquiteto Giò Ponti. Em 1943, durante a II Guerra Mundial, entra para o Partido Comunista e sua casa passa a ser ponto de encontro de intelectuais e artistas italianos. No ano de 1946, Lina Bo casa-se com o jornalista Pietro Maria Bardi, vindo com ele logo para o Brasil, onde fixariam residência.² Logo de início travam relações com várias personalidades, dentre elas o jornalista e empresário, dono do “Diários Associados”, Francisco Assis Chateaubriand, que convida Pietro Bardi para participar de uma audaciosa empreitada: o futuro Museu de Arte de São Paulo.

O envolvimento de Pietro Bardi com o universo dos museus brasileiros acaba alcançando a própria Lina Bo, que em 1947 torna-se responsável pela organização da exposição do Museu de Arte de São Paulo, quando este funcionava na Rua Sete de Abril, no prédio dos Diários Associados. Em 1957, ela novamente realiza o projeto arquitetônico de um novo prédio exclusivo para o museu, no atual endereço à avenida Paulista, que, no entanto, só seria inaugurado em 1968.

É relevante ressaltar alguns aspectos em relação ao projeto do museu, pois algumas das idéias presentes em sua concepção são ilustrativas do pensamento de Lina. A intenção da italiana – que preferia ser chamada simplesmente de “o arquiteto” Lina Bo – era projetar um edifício cuja arquitetura comunicasse de imediato sua “monumentalidade”, através de formas simplificadas. Como diria ela mesma a respeito das influências que o projeto sofrera, “*ele está ligado particularmente às experiências diretas da influência japonesa muito viva em São Paulo, e não como se dirá à primeira vista, à volumetria racionalista*”.³

Tem-se aí um ponto crucial para entender a “concepção de museu” de Lina Bo. Nesse sentido, Lina percebia um “*novo sentido social que [no qual] se constituiu o Museu de Arte de São Paulo, que se dirige especificamente à massa não informada, nem intelectual, nem preparada*”.⁴ A monumentalidade, portanto, era direcionada não à simples contemplação, mas à “*experiência popular*”, proporcionando assim aquilo que ela entendia como “*dignidade cívica*”.⁵



Para além das considerações sobre as idéias de “massa não informada”, “países de velha cultura” e de “cultura em início”, que em uma análise contemporânea poderiam suscitar discussões sobre preconceitos ou etnocentrismos, o que vale destacar é a preocupação de Lina Bo com a instalação de um espaço museológico cujo enfoque estivesse no caráter educativo das exposições ou, ainda, na experiência de aprendizado que qualquer pessoa poderia vivenciar dentro da instituição, independente de sua condição social. Pode-se dizer que tal modo de pensar não a abandonaria quando se engajou na direção executiva do MAM-Ba, anos mais tarde – cujo enfoque na valorização da arte e artesanato produzidos no próprio Nordeste, deixava entrever a sua crença na experiência popular, na cultura local como recursos para o conhecimento da “*própria personalidade*”⁶ do Brasil.

Lina Bo Bardi e o MAM-Ba

Originalmente, o Museu de Arte Moderna da Bahia surge como uma proposta do então governador do Estado da Bahia, Juracy Magalhães, e sua esposa, Lavínia. No decorrer do ano de 1959, principalmente a partir do segundo semestre, será possível encontrar diversas notas no Jornal *Diário de Notícias*,⁷ que trazem os nomes de diversos doadores financeiros e obras de arte para o novo museu. Spitzman Jordan Cemmil, banqueiro e industrial residente no Rio de Janeiro, Fernando Sá, diretor da Companhia de Seguros Aliança da Bahia, são alguns dos nomes que aderiram à “campanha” em prol do MAM-Ba, liderada por Lavínia Magalhães, já presidente da instituição.

É, portanto, com muito entusiasmo que a lei de criação é assinada no dia 23 de julho de 1959, ocasião que reúne as figuras eminentes da terra, como os políticos partidários do governador e senhoras entusiastas da movimentação da primeira-dama. Entretanto, como ressalta Lourenço,⁸ sua inauguração ocorre em janeiro de 1960, ainda sem uma sede própria, no foyer do Teatro Castro Alves, localizado na região central de Salvador, com algumas obras do acervo do Museu do Estado da Bahia, cedidas em caráter de empréstimo por seu diretor e membro da comissão nomeada para a implantação do MAM, José Valladares.

Um outro aspecto a ser ressaltado é o surgimento de uma série de fatores que colocariam em ebulição a vida cultural de Salvador e torna possível uma análise da rede criativa e inovadora na qual se veriam envolvidos Lina Bo e o MAM. Conforme Risério, a atuação de Edgar Santos, reitor da Universidade da Bahia e destacado incentivador, em particular, das Escolas de Música e Teatro, e de outros nomes – Glauber Rocha, Martim Gonçalves, Agostinho da Silva, Koellreuter, Pierre Verger, - era parte de um contexto histórico, político e cultural no qual não só a Bahia, mas o “Brasil (...) se colocara inteiro sob o signo da ação, exalando autoconfiança por todos os poros. Tudo parecia viável. Brasília, Bossa Nova e Poesia Concreta eram os grandes signos culturais da época.”⁹

Portanto, ao assumir a direção do MAM, Lina Bo se alia a este circuito de inovações no cinema, no teatro, na música e nas artes visuais. Em um outro documento escrito pela arquiteta, a respeito das suas intenções para com o museu, fica claro seu objetivo explosivo: “este não é um Museu, o termo é impróprio: o Museu conserva e nossa pinacoteca ainda não existe. Este nosso deveria chamar-se: Coleção Permanente. É nesse sentido que adotamos a palavra Museu.” Compreendendo a dificuldade em gerir um museu de arte moderna, ela também se preocupa em destacar na carta sua compreensão de moderno:

Passada a época da revolta contra as correntes reacionárias da arte, cessada a necessidade do ‘choque’, do escândalo, chegamos ao ponto em que a arte moderna é aceita por todos, é necessário começar-se a construir considerando encerrado o período da necessária ‘destruição’, sob a pena de se fazer arte das ‘vanguardas retardatárias’.¹⁰

Assim, as exposições eram organizadas com diferentes objetivos. Em um primeiro plano, voltadas para exposições didáticas, nas quais eram apresentados objetos diversos, reunidos sob um determinado tema, a fim de demonstrar sua continuidade histórica – que era como Lina designava os modos de transformação e adaptação dos objetos às necessidades da sociedade e do tempo. A promoção de jovens artistas plásticos regionais e de oficinas de música e desenho para crianças se constituíam também como outra diretriz da sua atuação.¹¹ Dentre outros feitos, é necessário ressaltar que essas ações não raro eram desaprovadas pela sociedade conservadora soteropolitana, o que põe ainda em maior relevo as iniciativas corajosas e determinadas de Lina Bo.

Durante sua estadia na Bahia, Lina Bo também restaurou alguns casarões coloniais, dentre os quais, o complexo arquitetônico do Solar do Unhão, construído entre os séculos XVII e XVIII e tombado pelo IPHAN em 1943. No Solar, ela instalou o Museu de Arte Popular (MAPU), onde procurou promover a valorização do artesanato nordestino e daquilo que ela compreendia como “arte popular”, com a finalidade de documentar técnicas e saberes. A intenção da arquiteta era de unir o Museu de Arte Moderna ao Museu de Arte Popular – o que ilustra o tipo de ação educativa desejada por Lina que visava, desse modo, convergir para um mesmo espaço artistas em exposição no MAM e artesãos ligados às atividades do MAPU.

Vale destacar que ao tentar concretizar um espaço de comunicação entre esses públicos, Lina projetava nova luz às formas de representação da sociedade que geralmente existiam nos museus, ou seja, uma representação focada somente sobre os objetos das elites sociais. Afinal, até então, artesãos, jovens artistas e pessoas comuns possuíam um histórico de pouca ou nenhuma representação dentro dos espaços museais.

Entretanto, Lina não veria esse projeto ser concretizado, tendo em vista que em 1964, ano que marcou seu afastamento das atividades dos dois museus. Contudo, sua ligação com os museus e com a área cultural não se findaria após a experiência do MAM, interrompida com a instauração do regime militar. Ela ainda se envolveria com outros projetos, como o do SESC Pompéia, em São Paulo, da mesma forma que atuaria ativamente como incentivadora do cinema, do teatro, da curadoria e das artes plásticas, até seu falecimento em 20 de março de 1992. Assim, a partir desses dados iniciais, pretende-se desenvolver uma análise sobre características da gestão museológica de instituições culturais públicas e privadas.

Notas

* Graduada em Museologia/UFBA. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq. Orientadora: Profa. Dra. Heloísa Helena F.G.da Costa.

¹ LOURENÇO, Maria Cecília França. Lina Bo: um meteoro no MAM-Ba. In: ---. *Museus acolhem moderno*. São Paulo: EDUSP, 1999.

² Conforme dados coletados na página na internet: www.institutobardi.com.br. Acesso em: 15/07/2005.

³ BARDI, Lina Bo (a). Le nouveau Musée d’Art de São Paulo. s/d, s/n. Arquivos do Setor Técnico de Museologia do Museu de Arte Moderna da Bahia.

⁴ FERRAZ, Marcelo. *Lina Bo Bardi*. São Paulo. Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi, 1993, p. 44. Grifo do autor.

⁵ FERRAZ, *op.cit.*, p.100.

⁶ *Idem*, p.153.

⁷ O Diário de Notícias era uma afiliação dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand. Conforme pesquisa realizada com as edições de janeiro a agosto de 1959 do referido periódico baiano, Chateaubriand foi um incentivador da iniciativa do casal Magalhães, e um dos envolvidos na vinda de Lina Bo Bardi para a Bahia.

⁸ LOURENÇO, *op. cit.*, p. 178.

⁹ RISÉRIO, Antônio. *Uma história da cidade de Salvador*. Salvador: Omar G, 2000. p. 237.

¹⁰ BARDI, Lina Bo (b). Museu de Arte Moderna da Bahia. Arquivos do Setor Técnico de Museologia do Museu de Arte Moderna da Bahia. s/d, s/n.

¹¹ Todas essas informações foram compiladas a partir de pesquisa em diferentes jornais da época, encontrados nos arquivos do Serviço Técnico de Museologia do MAM-Ba.